
**AO MESTRE, COM CARINHO:
MEMÓRIAS DE UMA PRÁXIS PEDAGÓGICA PLURAL**

***TO THE MASTER WITH AFFECTION:
MEMORIES OF A PLURAL PEDAGOGICAL PRAXIS***

NAIANA RODRIGUES DA SILVA
Universidade Federal do Ceará

LAECIO RICARDO DE AQUINO RODRIGUES
Universidade Federal de Pernambuco

JOUBERT DE ALBUQUERQUE ARRAYS
Universidade Federal do Cariri

1

Resumo: Neste ensaio-apologia, construímos uma narrativa sobre a práxis pedagógica do professor Gilmar de Carvalho, durante seu trabalho no Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Recorremos às nossas memórias da vida estudantil para refletir sobre os métodos de trabalho plurais de um professor que nos afetou e foi diretamente responsável pela construção de nossas carreiras docentes e daquelas de diversos outros profissionais da comunicação, do jornalismo e da educação. Para tanto, imergimos em uma escrita com marcas biográficas que se entrelaça com nosso olhar analítico de professores e pesquisadores, em um movimento dialético que se equilibra nas relações eu-outro; passado - presente para assim traçarmos um desenho impreciso, porém afetivo, do educador Gilmar.

Palavras-chave: memória; testemunho; práxis pedagógica; escritas de si.

Abstract: In this apology-essay, we build a narrative about the pedagogical praxis of Professor Gilmar de Carvalho, during his work in the Social Communication Course at the Federal University of Ceará. We use our memories of student life to reflect on the plural working methods of a teacher who affected us and was directly responsible for building our teaching careers and those of several other professionals in communication, journalism and education. To do so, we immerse ourselves in a writing with biographical marks that intertwines with our analytical gaze of professors and researchers, in a dialectical movement that balances itself in the self-other; past - present relationships, so that we can trace an imprecise but affective drawing of the educator Gilmar.

Keywords: memory; testimony; pedagogical praxis; writing of self.

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa dos comitês editoriais da *Revista Passagens* (UFC) e da *Revista Internacional de Folkcomunicação* de homenagear Gilmar de Carvalho nos parece das mais notáveis e certeiras. Afinal, Gilmar não apenas figurava no panteão dos grandes pesquisadores da UFC; foi também um dos mais relevantes intelectuais cearenses dos últimos 30 anos; e, considerando a abrangência do seu trabalho no campo investigativo que ele contribuiu para projetar as culturas populares, possivelmente foi um dos mais destacados acadêmicos brasileiros.

Mas ao mesmo tempo em que o dossiê desponta como justíssima homenagem, ele nos coloca um desafio: qual a extensão do legado de Gilmar de Carvalho? E seria possível condensá-lo numa dezena de artigos, sem correr o risco de promover sínteses indevidas ou mesmo simplificações? A pergunta não é de fácil solução. Para ilustrar sua complexidade, lembramos aqui da provocação de Foucault (1992), em uma de suas mais notáveis intervenções, quando profere uma palestra para investigar/desmascarar *a função autor*, essa curiosa categoria que se firma na cultura ocidental, a partir da seguinte configuração: de um lado, a consolidação do mercado editorial e dos direitos de propriedade intelectual; do outro a necessidade dos poderes vigentes de responsabilizar juridicamente os escritos anônimos considerados “perigosos”. Em meio às suas digressões, Foucault assevera: se não é fácil localizar e definir o autor, tampouco o é sua obra. O que seria uma obra? Apenas aquilo que o autor publica oficialmente, após uma fina seleção? Anotações, rascunhos e rasuras anteriores também o seriam? E uma carta esmaecida, um bilhete ou a conta de lavanderia - possuem igual estatuto? Ou devem ser descartados?

Mas se aqui retomamos tais provocações, não é com o interesse de esboçar uma resposta categórica. O desafio, acreditamos, cabe a cada um/a de nós que topou o convite no intuito de trazer para um público mais amplo o espólio intelectual de Gilmar. Em se tratando do nosso querido mestre, pensamos que a obra de Gilmar compreende seus textos acadêmicos e literários, sem dúvida alguma; suas inúmeras

contribuições à imprensa cearense¹; mas também aquilo que não foi e não pode ser apreendido materialmente - suas lições em sala de aula, sua contribuição ao estimular novas gerações de pesquisadores/as, algo que poderíamos até designar de sua cartilha pedagógica (nunca redigida, mas sempre praticada, num ofício quase sacerdotal).

Assim, será este o caminho que trilharemos neste ensaio-apologia redigido a seis mãos, todas elas partidárias, devotas ou ungidas por tal cartilha. E ao retomarmos tais memórias e aprendizados, acreditamos também expressar os anseios e afetos de muitos outros estudantes que vivenciaram experiências próximas - uma legião que se sentiu igualmente órfã em abril de 2021, por ocasião da sua morte, e que, reagindo a uma espécie de chamado involuntário, correu às redes sociais para manifestar sua dor e saudade.

Para realizar tal empreitada que, mesmo amparada pelos ritos e gêneros discursivos científicos, é também mobilizada pelos afetos, recorreremos a uma escrita autobiográfica e memorialística, comumente encontrada em estudos da seara da educação que buscam nas histórias de vida dos docentes marcadores relevantes sobre suas escolhas profissionais, suas identidades e relação com as políticas educacionais (PASSEGGI, SOUZA, VICENTINI, 2011, p. 370). Em nosso ensaio, nos apropriamos da estratégia autobiográfica não para abordar nossas carreiras e experiências como docentes, mas para sublinhar como nossa biografia formativa, no Curso de Comunicação Social e após o término da graduação, foi influenciada pelo professor Gilmar de Carvalho. Neste exercício, adotamos majoritariamente a primeira pessoa do plural; não apenas na escrita, que não se reduz a *um si* isolado, mas também na tarefa de revolver memórias que conjugam nossas lembranças às de outros colegas de gerações semelhantes e que igualmente fizeram parte das narrativas aqui recapituladas. Contudo, há passagens em que o eu se projeta com mais ênfase para

¹ Durante sua vivência acadêmica, Gilmar colaborou continuamente com a mídia impressa cearense, notadamente os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, onde tinha amizade e vínculo próximo com muitos jornalistas, quase todos egressos das salas de aula do curso de Comunicação Social da UFC. Eventualmente, Gilmar sugeria pautas e indicava possíveis fontes, auxiliando sobretudo às editorias de Cultura. Mas, com regularidade, assumia ele mesmo a autoria de muitos ensaios; textos que, provavelmente, dialogavam ou desdobravam suas publicações. É provável que parte desse material tenha sido editada na forma de antologia ou vertida para uma pesquisa mais ampla. Mas acreditamos que uma parte relevante da contribuição intelectual de Gilmar ainda se encontra nos arquivos dos dois jornais; um acervo que, a nosso ver, solicita com urgência seu mapeamento e catalogação tendo em vista uma edição póstuma, o que evitará que tal legado permaneça desconhecido de novos leitores. Eis um convite-tarefa que, certamente, honrará a memória de Gilmar.

demarcar momentos e vivências singulares de cada autor, o que não compromete a empreitada aqui proposta.

Afinal, como pontuam Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p 371):

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processo de biografização.

Portanto, é a verbalização da consciência histórica e das aprendizagens que impedem a escrita autobiográfica de assumir um tom narcísico demasiadamente autocentrado ou autorreferenciado. E, como ressalta Lebow (2012), não podemos nos esquecer de que o ‘eu’ existe sempre em relação a *outro*, e nunca isoladamente; em outros termos, a individualidade não se constitui sem ter a alteridade como *espelho* e, mesmo nas práticas de redação mais recônditas (diário íntimo e/ou confissões), um leitor imaginário desponta no horizonte daquele que escreve, ao mesmo tempo em que outras vidas estão implicadas em suas narrativas, posto que o autor trava interações com outros sujeitos e tais conexões constituem a matéria-prima de suas anotações. Portanto, aqui nos lançamos a um exercício ensaístico que se deixa fecundar pelas relações eu-tu e pela dinâmica indivíduo-sociedade; um texto afetivo e afetuoso que se transmuta numa relação singular de alunos-mestre, a qual ressoou (e ressoa!) de modos diversos nas histórias de vida profissional de cada um de nós.

Afastados geograficamente pelos meandros do destino, mas unidos pelo fio da amizade, nos reunimos no aqui e agora da escrita coletiva com a missão de escavar nos escombros de nossas memórias, tão afeitas à *deletabilidade* pela influência dos dispositivos digitais (FERRAZ, 2010), as lições que aprendemos com Gilmar de Carvalho na sala de aula ou no seu gabinete, nas reuniões como bolsistas, orientandos/as ou simplesmente como admiradores do professor sábio e sagaz. Assim, a memória evocada em nossas narrativas não é apenas um artifício individual e, sim, um construto social arregimentado por lembranças, fatos e afetos derivados de histórias de vida que se entrecruzam em um tempo passado e presente. Ou como aponta Ecléa Bosi: “A memória é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre um tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (1993, p. 281).

A memória, portanto, é simbólica, moldada pelos sentidos circulantes na cultura e internalizados pelos sujeitos. Reconhecer essa natureza da memória é crucial para a interpretação dos discursos que dela resultam, pois os significados que os sujeitos atrelam às experiências vividas também se relacionam não só com suas posições sociais, mas com as dinâmicas afetivas vividas por eles. “Para os depoimentos que são autobiografias, vale considerar que estas são, além de testemunho histórico, a evolução da pessoa no tempo” (BOSI, 1993, p. 283).

Desta forma, e inseridos nessa dialética que conecta passado-presente, indivíduo-sociedade, nos transportamos para o tempo da nossa graduação, onde experiências juvenis se mesclavam com uma vivência próxima ao professor Gilmar de Carvalho. Um tempo não só descrito, mas narrado e interpretado à luz da maturidade e da experiência docente que acumulamos, em um momento em que as fragilidades sociais se agudizam e o luto se torna uma experiência coletiva em razão da pandemia da covid-19, a mesma que fez de Gilmar mais uma vítima. É nesse lugar e tempo sociais que organizamos nossas memórias para, em um esforço conjunto, nos aproximarmos novamente do mestre.

2 UM EDUCADOR SOLIDÁRIO

O marco temporal que escolho para iniciar esse relato é o dia 11 de março de 2020. O mundo já estava em polvorosa porque a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretara que estávamos vivendo uma pandemia pela disseminação do coronavírus. Tomada pela incerteza, mas ainda com a esperança de que o caos não nos convertesse em alvos, cá em Fortaleza, caminhava dentro do shopping em direção ao cinema, compartilhando com uma amiga as atualizações da vida alheia. Sentado em um banco, à espera de uma amiga-confidente, estava o professor Gilmar. Ali, de pé mesmo, conversamos por uns 10 minutos, sem nos abraçar, nem dar as mãos, pois os protocolos já advertiam que a distância física era recomendada. Mas, ainda sem máscara, trocamos sorrisos de alegria. Foram nossos últimos. Depois disso, o mundo

não foi mais o mesmo. Fomos tomados pela tristeza com a morte de centenas, milhares, milhões de pessoas, dentre elas, a do nosso mestre Gilmar.

Se por um breve *dèjavu* soubesse que aquela cena seria de despedida e não de reencontro, teria me demorado mais, puxado uma cadeira, pedido um café e agradecido pelos ensinamentos, por ter aquecido em mim o desejo de ser professora. Mas, ao acreditar que um amanhã ainda nos esperava, fui apressada e agora me resta daquele dia a lembrança dos sorrisos de um mestre e de uma discípula orgulhosos de suas trajetórias e que se encontraram pela primeira vez há 20 anos, no semestre letivo 2000.2, durante as aulas da disciplina *Ética e Legislação em Jornalismo*.

Gilmar de Carvalho era o que hoje podemos considerar um encantador de estudantes. Por duas horas inteiras, ele tratava sobre os dilemas éticos do trabalho em jornalismo e em comunicação sem encarnar o *showman* que o capitalismo anseia que os/as professores/as se tornem. Sem aparatos digitais e até mesmo sem o analógico giz, ele segurava a plateia com sua voz mansa e numa cadência única, sem se exaltar ou performar um bufão, mas zelando por um *ethos* (MAINGUENEAU, 2006), por uma imagem de si de respeito, conhecimento e afeto.

Apesar de exalar sabedoria, de transitar livremente pelas redações dos jornais locais e pelos espaços de poder, como secretarias de cultura estadual e municipal, Gilmar não se arrogava a posse da verdade. Homem negro, homossexual e de raízes sertanejas, sabia valorizar as palavras, o diálogo, e não seria ele a interditá-las em sala de aula. Deixando as obras de referência - ainda tão complexas para os recém universitários - em descanso, ele arquitetava a aula à frente de todos, a partir das referências dos estudantes, das demandas e curiosidades juvenis. Das falas dos alunos, de suas inquietações e julgamentos sobre o jornalismo, surgia a aula, marcada pelas provocações e pontuações de um professor que não se portava como juiz nem advogado - apesar de ser graduado em Direito -, mas cuja atenção era mais devedora de uma escuta psicanalítica, a qual buscava na superfície das palavras a densidade do ser social.

Aos formalistas, essa estratégia podia soar relapsa: onde está o plano de aula, a bibliografia básica? Estavam lá, em cada anedota, memória e relato, vívidos nas interações, na espontaneidade de quem gostava de desbravar o humano e de extrair

conhecimento da singularidade. Nessa pedagogia do sensível, os saberes investidos da experiência dos estudantes (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007) eram o ponto de partida para a aprendizagem. E assim, cedendo a palavra, mais do que a proferindo autoritariamente, o professor Gilmar formou gerações de jornalistas e de docentes, valendo-se da comunicação em seu sentido mais antropológico, de comunhão e interação (SODRÉ, 2017), para partilhar experiências de sua vida de pesquisador e de profissional da comunicação que mais tarde se tornariam uma forma de conhecimento para a vida de trabalho daqueles interlocutores.

Assim, cada aula era uma nova atividade de trabalho docente singular, inédita e criativa. Apesar de Gilmar ser temente às prescrições acadêmicas, aos ritos da universidade, dificilmente as aulas de *Ética e Legislação em Jornalismo*, de *Pesquisa em Comunicação* ou de *Cultura Popular* - as que recordamos neste momento - se restringiam a uma repetição de scripts pré-definidos nas ementas e na grade curricular. Afinal, como lembra Souza - e - Silva (2003, p. 345), “a ação do professor consiste não apenas em operacionalizar as prescrições, mas também em colocá-las à prova e delas reapropriar-se para sua experiência pessoal”. E foi assim que Gilmar se apropriou dos saberes investidos dos estudantes para produzir novos saberes instituídos para o trabalho docente (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007), saberes estes que não se cristalizaram em artigos ou livros, mas sobreviveram na oralidade que ecoa nos corredores da universidade, fixando-se na memória do corpo coletivo que compõe o curso de Comunicação Social.

O conhecimento resultante dessa experiência docente não foi teorizado em revistas científicas ou em manuais, Gilmar não ambicionou ensinar os/as professores/as a serem bons/boas professores/as, nem se arrogava encarnar um *ethos* de professor/a ideal, apesar de ter acalentado a docência no coração de muitos/as de seus/suas bolsistas e orientandos/as, corporificando um paradigma de saber-ser professor e saber-ser pesquisador/a para muitos/as jovens, a exemplo destes e desta que aqui escrevem. Ele se forjou em uma deontologia pedagógica cujo valor central era a autonomia, a qual, para se afirmar, travestia-se de insurgência, de rebeldia contra as intransigências científicas e sociais.

Assim, nos ensinou a ser atrevidos/as, a não nos conformar com a primeira recusa da fonte jornalística ou a não ceder aos assédios morais das autoridades com as quais nos defrontaríamos no cotidiano laboral; em suma, nos ensinou a não sucumbir às heterodeterminações que enredam toda a atividade de trabalho em qualquer seara ocupacional e a exercermos nossa práxis, incentivando-nos a deixar nossas marcas no mundo. Discurso coerente com suas ações, pois Gilmar não esperou pela abertura de brechas institucionais na universidade para se afirmar como pesquisador. De modo independente ou com financiamentos via editais públicos, ele construiu sua profícua bibliografia, deixando um legado material que, sem medo de sermos hiperbólicos, o coloca entre os grandes intelectuais brasileiros do século XX. Um intelectual necessário em tempos de pós-verdade, de autoritarismos e de fobias dos diferentes, que se familiarizava com as novas tecnologias, a despeito destas serem pensadas para os jovens, utilizando a plataforma digital *Instagram* de forma tática para fazer democracia, com a circulação do conhecimento sobre a cultura popular.

Mesmo tendo como objetivo primeiro a formação de jornalistas, Gilmar era um dos professores do curso que não nos identificava apenas como aspirantes a produtores de notícias. Ele via em cada estudante, ainda imaturo cientificamente, um pesquisador/a latente. E assim nos introduzia no mundo da pesquisa com a feitura de um trabalho de conclusão de disciplina. Os artigos finais do componente curricular versavam sobre os mais diversos temas midiáticos, das análises das capas da revista *Veja* às representações do jornalismo no cinema, como também a dimensão político-estética da imagem no trabalho documental do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Tudo isso para nos estimular a não cair nas mesmices e a investigar percepções críticas e abordagens originais, com rigor e ousadia. E com sua letra pequenina e bem desenhada, comentava todos os trabalhos, elogiando as escritas corretas, reconhecendo a inventividade de argumentos e alertando sobre a apropriação indevida das citações. Ao final, todos/as ficavam realizados/as, alunos e alunas pela atenção notadamente dispensada para suas primeiras produções científicas, e o professor, por ter regado ali a semente da pesquisa.

Com esse método de avaliação, Gilmar *renormalizava* seu trabalho², a disciplina e o próprio curso. Ele colocava sua verve de pesquisa a serviço do coletivo, preenchendo assim, de modo informal, uma lacuna que só as futuras reformas curriculares viriam extinguir, a de apresentar o universo da produção científica para os estudantes. No segundo semestre do curso, ainda dependentes dos vícios do ensino médio, os alunos do curso de Comunicação Social, composto pelas habilitações em Jornalismo e em Publicidade e Propaganda, eram apresentados à Sociologia, à Filosofia, à Psicologia, à Comunicação enquanto campos científicos, mas ainda não se defrontavam com a tão temida metodologia científica. A práxis acadêmica do curso ficava assim míope, pois os estudantes eram desafiados a elaborar textos e pesquisas acadêmicos, mesmo que apenas baseados em revisões bibliográficas, sem uma devida preparação metodológica. Aprendia-se fazendo. E essa forma de aprendizado, sem rigor e disciplina, podia se tornar uma fábrica de achismos e de opiniões e não de conhecimentos.

Coube a Gilmar assumir o papel desse preceptor, não sabemos se de forma tácita ou efetiva, mas foi ele quem nos orientou sobre as estruturas, formas do discurso científico e suas implicações, zelando pela práxis formativa do curso. E assim foi o primeiro orientador de muitos estudantes, reservando parte do seu tempo livre para pacientemente nos explicar sobre o que ler e como ler. Dando, pois, um tom amistoso para uma relação cara ao campo científico e tão acusada, hoje em dia, de ser fonte de sofrimentos, sobretudo para os estudantes na pós-graduação, que muitas vezes não encontram compreensão e quiçá acolhida em seus orientadores.

Gilmar era o oposto do desenho de orientador na torre de marfim da academia. Mesmo ocupado com seus projetos e pesquisas, ele não se furtava de aconselhar, orientar os alunos, seja por e-mail, presencialmente em sua sala ou até mesmo na rua, numa praça, no shopping, num restaurante qualquer. Gilmar não precisava dos ritos e da estrutura institucional para ser professor, bastava ter um interlocutor disposto a ser um aprendiz. Mas também sabia ser amigo, confidente

² Para a Ergologia, uma área de conhecimento de origem francesa que investiga a atividade de trabalho, a renormalização do trabalho consiste na apropriação das prescrições, das normas, dos saberes para o trabalho pelo trabalhador para recriar sua própria atividade de trabalho (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007).

daqueles que conquistavam sua afeição - e não eram poucos! E, sabia, sobretudo, conduzir os estudos de seus orientandos, de forma solidária e estimulando a autonomia do estudante.

Que o digam os/as bolsistas do programa de iniciação à docência, responsáveis pela monitoria da disciplina *Ética e Legislação em Jornalismo*, ministrada por Gilmar de Carvalho, os/as quais tiveram a honra de trabalhar com ele, investigando o jornalismo e a comunicação e mimetizando um saber-ser professor em oportunidades pontuais em que a eles/as eram confiadas a condução da aula com o devido aval e acompanhamento de Gilmar. Em retrospecto, essas experiências foram fundantes para a construção de futuras carreiras docentes, que começaram a ser desenhadas ali, nas reuniões de orientação, quando Gilmar partilhava seus saberes e sua experiência, ao mesmo tempo em que nos preparava para sermos pesquisadores/as e professores/as.

Suas lições, acima de tudo, eram de generosidade, pois apesar de sua predileção pela investigação da cultura e comunicação populares, ele se dispunha a orientar pesquisas de matizes diversas, a exemplo de artigo desenvolvido por mim, Naiana Rodrigues, para ser apresentado no *X Encontro de Iniciação à Docência*, da UFC, realizado em 2001. Naquele momento, o fenômeno dos *reality shows* era uma novidade na programação televisiva brasileira e despertou interesses de pesquisa. Gilmar respeitosamente acolheu meu desejo como bolsista e ajudou a desenvolver o artigo intitulado “Casa dos Artistas: uma invasão de privacidade legitimada”, o qual foi escolhido como melhor produção de todo o Centro de Humanidades da UFC naquele evento e publicado na íntegra nos anais impressos que acolhiam apenas os melhores trabalhos.

Esse feito é emblemático não só por se tratar de um *début* científico, mas por ser resultado da faceta agregadora do mestre Gilmar - como carinhosamente era chamado por muitos cordelistas, rabequeiros e outros artistas populares. Ele transitava do popular ao massivo, do cordel ao jornalismo com a mesma desenvoltura e compromisso. Não havia objetos de investigação inferiores para Gilmar, assim como não havia uma hierarquia de saberes entre ele e os sujeitos com os quais se deparava em suas andanças serra adentro, litoral afora. Existiam os saberes tradicionais dos mestres da cultura, os saberes da experiência dos estudantes, que se encontravam

com os saberes instituídos, acadêmicos, do professor para forjar dialeticamente novos conhecimentos que não se prestavam somente ao gozo dos intelectuais, mas serviam igualmente de bússola para políticas públicas de cultura e de trampolim para as carreiras dos/as jovens aprendizes.

Dessa forma, Gilmar exercitava sua ética de trabalho. Longe do tom predatório dos cientistas que positivamente extraem dos sujeitos e de suas realidades aquilo que lhes interessa sem a eles retornar com resultados e intervenções, Gilmar, sem também assumir uma tutela ou agenciamento dos artistas, artesãos e artífices populares, não fetichizava os sujeitos de pesquisa. O conhecimento produzido por suas reflexões era latentemente transformador, pois, afetado pela singularidade das vidas de mulheres e homens que reproduziam artes e ofícios de outrora, mostrava que a narrativa da vida contemporânea não podia transcender alheia a esses sujeitos, à sua cultura. E, assim, colocava os seres do campo, dos recônditos do Ceará e do Nordeste, no mesmo patamar dos seres urbanos das grandes metrópoles.

Talvez esse seja o principal ensinamento que Gilmar nos deixa, o de unir saberes, unir experiências e construir diálogos entre os diferentes.

3 DOCENTE-PESQUISADOR-PERFORMER

Pensar a prática docente universitária de Gilmar é ter como premissa a relação indissociável entre o pesquisar e o lecionar, distante de qualquer vínculo puramente pragmático, nas tantas ações co-implicadas que atravessam e tensionam sua presença performática e performativa de muitos afetos e percepções que fazem dele um docente-pesquisador enquanto performer daquilo que pesquisa, estuda, ensina e partilha.

Gilmar atuou na formação universitária de pessoas alunas vindas de cidades do interior do Ceará, que encontraram nele uma espécie de professor-mentor e pesquisador-tutor. Cito o meu caso, cuja relação se estendeu para uma experiência de iniciação científica com a pesquisa desenvolvida por ele no Cariri cearense (em especial, na cidade de Juazeiro do Norte, no sul do Estado). Também a orientação do meu projeto de monografia (hoje, conhecido como Trabalho de Conclusão de Curso -

TCC) foi marcada por sua presença, que indicou o professor e artista visual Antonio Wellington Oliveira Júnior (Tutunho) para orientação, na época, recém-empossado, sendo ele também “cria” de Gilmar na formação de pesquisador-docente.

Essa filiação acadêmica certamente fez a diferença, quando muitos/as de nós, ex-alunos/as de Gilmar, tornaram-se professores/as universitários/as em instituições públicas de ensino, muitas delas universidades novas localizadas em cidades do interior brasileiro nordestino. Uma inspiração que se repetiu até mesmo quando um/a de nós, no caso, eu Joubert Arrais, seguiu caminho semelhante de doutoramento, vinculando-se à mesma universidade onde Gilmar defendeu sua tese, em 1998, e que, neste mesmo ano, virou o livro-tese *Madeira Matriz - cultura e memória* (1999), um dos mais importantes estudos a entrelaçar a escrita acadêmico-científica e a escrita jornalístico-literária sobre a cultura popular cearense e as comunidades de fé reconhecidas como as romarias de Juazeiro do Norte em devoção à figura célebre do Padre Cícero³.

No cotidiano da UFC, a disciplina *Ética e Legislação do Jornalismo* era, em certa medida, o ambiente onde Gilmar acionava seus olhos de lince para perceber potencialidades, não apenas para iniciação à docência, mas também para iniciação científica. Desde nossa entrada na universidade, no ano de 1999, Gilmar já despertava interesses por orientação e foi nessa aproximação que me tornei seu bolsista de iniciação científica, entre 2000 e 2001. Foi uma experiência de um ano que, por circunstâncias adversas, não continuou formalmente, mas que permaneceu pelo diálogo atento, passando a ser uma referência humana incontornável.

Nesse enlace entre lecionar e pesquisar, ele também nos estimulava a nos reconciliarmos com nossas histórias de vida, ao compartilhar sua vivência como um dos mais relevantes intelectuais gays do Ceará e do Brasil, inspirando muitos jovens a buscarem sua autoafirmação e a se assumirem em sua sexualidade e gênero. Mesmo não tão lembrado por isso, Gilmar fez parte do movimento *Lampião da Esquina*, jornal ativista dos anos 70, com outros homens gays, em especial, seu grande amigo, João Silvério Trevisan, em tempos de ditadura militar. O que o deixava apreensivo e sempre

³ Nestes dois livros, percebe-se o trabalho itinerante de Gilmar em suas andanças epistemológicas até em tempos recentes, antes de sua partida, em 2021, andarilhando pelos interiores cearenses, seguindo o rastro performático e performativo da história oral de mestres e mestras da cultura.

aconselhando atenção e cuidado, isso desde o golpe de 2016, quando passamos a viver cotidianamente muitas violências assemelhadas ao que ele vivera quando jovem.

Nessa trama entre vida pública e vida acadêmica, Gilmar, de fato, era mestre. Até mesmo quando pensamos que sua presença foi definidora da própria expansão do curso de Comunicação, que até 1998 contava apenas com a habilitação em Jornalismo. Em 1999, foi criada a habilitação em Publicidade e Propaganda. E por conta dessa novidade, a concorrência para o jornalismo diminuiu bastante e oportunizou a muitos insistentes de mais de uma tentativa de vestibular adentrarem à universidade. Lembramos que na turma de 1999, foram muitos os casos de pessoas, não apenas oriundas da capital cearense, que tentaram a seleção para a universidade pública até quatro vezes. E Gilmar fazia dessa situação um modo de acionar nossas insistências como saber válido diante das meritocracias que a entrada na universidade pública, antes do Enem e do Sisu, acabava sendo para poucos e poucas.

Em sala, cada aula era uma partilha afetiva de informações transformadas em conhecimento, na medida em que as experiências sensíveis da ação/performance de pesquisar e lecionar se faziam entrelaçadas em sua fala performativa e em cada argumentação perspicaz. Tais presenças se entrelaçavam de conversas e muitos e-mails trocados, percebendo-se nesse hábito que Gilmar colocava em prática uma abordagem expandida do jornalismo e da pesquisa, que colabora para compreendermos como se dá o expandido do fazer-pensar jornalístico como práticas, sujeitos e relatos entrelaçados (SALLES; PINHEIRO, 2016). Até brincávamos que ele tinha uma super assessoria de comunicação (pois sabia tudo a nosso respeito, tudo mesmo). Com isso, percebemos que seu fazer-pensar comunicação e jornalismo é um transbordar da experiência da sala de aula física para o mundo fora dela e seus entornos vivenciais, como uma rigorosa e ousada “dança” das oralidades em suas performances cotidianas que, aciona as movências e motrizes do corpo a corpo performático no fazer pesquisa de campo como metodologia engajada e procedimento co-implicado (ZUMTHOR, 2007).

Alguns apontamentos do diálogo entre Deleuze e Foucault, presentes em *Microfísica do Poder* (1996), nos permitem entender o gesto intelectual e pedagógico de Gilmar: trazer o empírico e o experiencial para a sala de aula a partir de suas

andanças epistemológicas, tecidas e tensionadas de práticas teóricas e de teorias práticas, enquanto possibilidades de articulação/revezamento entre o fazer prático (a prática) e o fazer teórico (a teoria). A universidade pública é um ambiente que potencializa tais acontecimentos; e Gilmar, não apenas sabia disso, como performava, com maestria, tais revezamentos entre saberes, fazeres e dizeres.

Uma situação singular é evidenciadora dessa relação. Na disciplina *Ética e Legislação do Jornalismo*, que aqui trazemos novamente, Gilmar oportunizou a duas turmas uma viagem memorável para conhecer *in loco* o Cariri cearense, transformando seu objeto de pesquisa em dispositivo afetivo, abrindo para todos e todas, digamos assim, seu diário de bordo de pesquisador e expandindo a sala de aula como performance errante. Aquilo que ele vivenciara em Juazeiro do Norte para escrever seu livro-tese, ele nos fez reviver de outro modo, coletivamente. Basta reler trechos que a memória se faz presente como um aqui-agora-sempre: “Juazeiro do Norte é sitiada durante as romarias. Como se fosse tomada de assalto pelas levas de peregrinos e a cidade original fosse diluída ou ficasse temporariamente submersa em relação à cidade provisória.” (CARVALHO, 1999, p. 89).

Fomos então para Juazeiro do Norte e lá fizemos uma caminhada de muitos aprendizados, aprendizados que se expandem na medida em que cada pessoa formulava suas próprias questões. Gilmar nos guiava com desenvoltura a cada lugar e destacava o que eles que representavam; de Juazeiro do Norte até Nova Olinda, onde se encontra a *Fundação Casa Grande*, um projeto comunicacional focado na cultura popular. Assim conhecemos o local onde Gilmar desenvolvia suas pesquisas, nos conectando com outros lugares dos interiores cearenses. Sabíamos que a cultura popular era o foco de seus projetos, mas não tínhamos essa vivência. Nessa viagem pedagógica, os percursos eram movidos pela curiosidade, ousadia e rigor característicos do docente-pesquisador e do pesquisador-docente que era, e ainda é, Gilmar de Carvalho. Em alguns momentos, era a docência que se impunha e nos mobilizava; e em outros, era o sujeito pesquisador que despontava para nos gerar estranhamentos e encantamentos.

4 A PEDAGOGIA DO GABINETE

No campo das Ciências Sociais, notadamente na Sociologia e na Antropologia, a associação de um pesquisador com uma espécie de prática intelectual *restrita ao gabinete* quase sempre é vista como algo pejorativo, uma vez que sugere a ideia de uma produção acadêmica “preguiçosa”, de cunho especulativo e desprovida de base empírica (no caso destas duas ciências, *isenta de contato com o tecido da vida social e suas complexidades*). A possibilidade de semelhante epíteto ser atribuído ao legado de Gilmar de Carvalho, de imediato, se revela absurda; afinal, nada mais distante da sua conduta científica, marcada pelo empreendimento empírico cuidadoso, pelo mapeamento de diferentes ofícios e tradições, pelo registro oral e fotográfico de tantos mestres e brincantes de folguedos, um zelo que se repetia a cada nova viagem, expedição ou desafio.

Prova dessa tenacidade são os inúmeros talentos que Gilmar contribuiu para divulgar e conferir visibilidade ao longo da sua vivência acadêmica; nomes quase sempre radicados no interior e vinculados a práticas artesanais não regidas pela pressão do relógio - e, assim, muitas vezes desconhecidos do público das capitais. Seria uma tarefa, aliás, bastante instigante poder ler um texto recapitulativo das experiências vividas por Gilmar em suas viagens: quais os circuitos percorridos, a duração da jornada, quantos foram os personagens entrevistados, qual a documentação compilada⁴. Se, ao longo da sua trajetória, Gilmar publicou inúmeros

⁴ Sugerimos aqui um vínculo particular e assumimos a responsabilidade por qualquer comparação precipitada. Mas acreditamos existir certa afinidade entre os esforços acadêmicos de Gilmar de Carvalho para nos ajudar a compreender o Ceará e sua diversidade cultural através de suas viagens e publicações, com o ímpeto arquivístico de Câmara Cascudo e Mário de Andrade, cujas publicações também nos ajudaram a melhor entender as tradições brasileiras. Ao contrário dos colegas potiguar e paulista, Gilmar voltou-se para o local - seu Estado natal, especialmente a região do Cariri cearense. Mas sua opção focada lhe confere a nosso ver certa profundidade analítica, numa tarefa intelectual lapidada ano após ano, como ilustram os volumes *Madeira Matriz - Cultura e Memória* (1999), *Desenho Gráfico Popular* (2000), *Bonito pra chover- Ensaio sobre a Cultura cearense* (2003), *Mestres Santeiros-Retábulo do Ceará* (2004), *Rabecas do Ceará* (2006), *Patativa do Assaré: Pássaro Liberto* (2011) e *Xilogravura: doze escritos na madeira* (2011), dentre outros títulos, trabalhos que atestam uma coerência e fidelidade temática poucas vezes vislumbradas na academia. Vistos em conjunto, tal obra parece dar continuidade, embora com a evidente demarcação geográfica, aos esforços de Cascudo (vide seus *Dicionário do folclore brasileiro* e *História da alimentação no Brasil*) e Andrade (*Ensaio sobre música brasileira* e *O turista aprendiz*). São títulos que nos aproximam do Brasil e que nos proporcionam um entendimento maior de sua formação e riqueza cultural; através deles, pode-se amar ou rejeitar tal

trabalhos relacionados às suas pesquisas de campo, não nos parece improvável supor que, neste acervo meticulosamente reunido, ainda possam existir informações desconhecidas do grande público, relatos preciosos carentes de divulgação. Esperamos, pois, que um arquivista do futuro tenha sensibilidade para escavar tais registros!

Mas se neste segmento adotamos a expressão *pedagogia do gabinete* é para inverter a chave negativa de leitura inicialmente apresentada e reposicioná-la de um modo mais generoso, que nos permita compreender o ofício de educador abraçado por Gilmar, uma dedicação que marcou nossa trajetória na graduação de modo enfático. Para alguns estudantes, Gilmar era o professor de voz mansa e comentários afiados, sempre vestido com camisa social e calça jeans, portando uma inseparável bolsa de carteiro a tiracolo, a qual, depois de sua aposentadoria, foi substituída pelas bolsas de ombro de tecido. Aquele cuja mordacidade e olhar irônico impunha respeito e até algum temor. Mas o seu humor estava longe de ser do tipo leviano e gratuito; antes, era certo, contribuindo para desconstruir na justa medida qualquer tipo embusteiro ou fanfarrão. Outros complementarão a descrição com novos detalhes: Gilmar era o professor avesso a badalações e que pouco circulava fora dos perímetros da UFC; era também aquele que quase sempre se deslocava de táxi entre a sua residência, localizada no bairro Maraponga, e o Centro de Humanidades. E que, na hora do almoço, poderia ser avistado com frequência na praça de alimentação do Shopping Benfica, situações em que não era difícil encontrá-lo acompanhado por algum orientando ou ex-aluno. Alguns, mais perspicazes, acrescentarão: nos dias de mais disposição, também era possível avistá-lo pelo L'Escale, restaurante do tipo buffet que ficava situado no pavimento superior de um dos casarões que ladeiam a Praça do Ferreira (no Centro de Fortaleza) e ainda no Shopping Aldeota, saboreando um café na lanchonete Montmartre.

Repletas de detalhes pitorescos, as descrições acima procedem; elas criam e evocam certo encanto/mistério em torno de Gilmar. Fato. Mas não alcançam a densidade e singularidade da sua competência enquanto pesquisador e educador. Para apreendê-la, é preciso avançar mais. Revisitar os ensinamentos em sala de aula é uma

legado, mas não permanecer indiferente. Pensamos, assim, que à sua maneira, Gilmar dá continuidade a esse empreendimento, contribuindo para nos reconciliar com (e não necessariamente amar) o Ceará.

saída evidente; reavaliar sua produção acadêmica e literária, idem; ou ainda analisar as notas e diários de viagens, com registros para textos futuros. Por outro lado, pode-se também escolher o caminho que adotamos neste segmento do ensaio: recorrer “aos bastidores”, àquilo que ocorre quando não estamos em situação coletiva, uma aprendizagem que ultrapassa a formalidade da aula e se converte numa “conversa entre os mais chegados”. É quando e onde se manifesta a pedagogia aqui evocada. Sejamos mais precisos. Na vida dinástica de qualquer universidade, cedo aprendemos que quase todos os docentes dispõem de uma saleta para abrigar seus volumes, para a realização de leituras e, claro, para o atendimento da comunidade acadêmica e, eventualmente, do público externo. Em princípio, é esta a funcionalidade deste espaço. Todavia, contrariando tal expectativa, sempre nos intrigara o fato de muitas destas salas permanecerem fechadas - como se fossem apenas um depósito dos livros que não mais cabem nas bibliotecas particulares - e seus titulares, figuras ausentes ou raramente avistadas. Foi no convívio com Gilmar, contudo, que o *gabinete*, outrora um local interdito, passou por uma resignificação especial.

Ali o encontrávamos com regularidade, sempre atrás da escrivaninha, fazendo anotações e trocando ideias com um ou outro estudante, às vezes numa conversa em pequenos grupos. Ainda na escada e à entrada da sala, os risos e comentários já eram audíveis, sinal de que a prosa vicejava e de que o assento à frente de Gilmar era disputado. Quem por ali passou, desfrutou da sua generosidade e ensinamentos. Bolsistas e monitores, fato, eram presença recorrente e os orientandos com temáticas próximas às investigações de Gilmar, dispunham de especial afeição (afinal, qual docente não celebra seus discípulos?! Atire a primeira pedra aquele que assim não procede). Mas a *dinâmica do gabinete* estava longe de ser mesquinha: os mais travados, encontravam ali sugestões para avançar em suas pesquisas e se desfazer das incertezas; os que manifestavam vocação acadêmica, recebiam o melhor dos incentivos para seguir adiante. Em sua pedagogia peculiar, Gilmar se revezava no papel de mestre, conselheiro, amigo e confidente - prova disso é que a prosa acadêmica não raro deslizava para uma conversa privada, migrava para um comentário leve ou debochado e, depois, retornava ao ponto de partida. E a sensação era a de que o aprendizado, fechado este círculo, avançava com mais clareza.

Nesses encontros, sempre nos intrigava sua capacidade de ouvir e de elaborar sínteses para os dilemas ali partilhados - dificuldades acadêmicas, anseios com a pós-graduação, desafios para avançar em alguma pauta, frustrações com a redação e o mercado jornalístico... Mas se a conversa era fluente, o tom nem sempre era de pura camaradagem ou condescendência. Ao contrário, por vezes, os elogios se revezavam com puxões de orelhas necessários, orientações mais enfáticas que solicitavam de cada um de nós maturidade e sobriedade. Quando severo, Gilmar não elevava a voz; era direto e mantinha o tom assertivo, mas a fala não se alterava. E, em vez de nos inibir, tais questionamentos pareciam acionar em nós possibilidades antes desconhecidas. Em outras palavras, Gilmar tinha uma notável sensibilidade para perceber nossas limitações e para nos ajudar a superar o pântano da autocensura e da modéstia acadêmica. Não se tratava de incitar em cada um certo orgulho ou vaidade desnecessária, mas de nos ajudar a reconhecer nosso potencial - lembramos com afeição, por exemplo, dos bilhetes que ele entregava a um ou outro visitante, com sua caligrafia peculiar e repleto de indicações nem sempre compreendidas de imediato. É que muitas vezes acontece dos conselhos dos grandes educadores demandarem tempo para serem acolhidos com exatidão...

Mas, por hora, queremos insistir neste ponto: sua *pedagogia do gabinete* não se restringia apenas à orientação de uma atividade acadêmica, ao empréstimo de livros ou à revisão de algum capítulo (no caso dos estudantes em finalização do TCC ou que ingressaram na pós-graduação). Sua sala era um espaço para se pousar no intervalo entre as disciplinas e, no caso dos alunos mais avançados, à saída do estágio e antes do início ou após o término de uma aula nas *Casas de Cultura*⁵. Quando a saleta estava cheia ou o encontro se prolongava, não havia opção, se não aguardar a redução da demanda. Nestas conversas, entre uma orientação e outra, muitas vocações foram lapidadas; sobretudo no campo acadêmico. E é nesse ponto que os autores deste ensaio se sentem particularmente conectados, já que nossas experiências foram impulsionadas por esta espécie de *toque de Midas* do professor

⁵ Projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC) vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e situado no Centro de Humanidades da instituição, responsável por ofertar semestralmente cursos gratuitos de introdução e aperfeiçoamento em diversos idiomas de relevância acadêmica. Para mais informações, conferir: <https://casasdeculturaestrangeira.ufc.br/pt/> (acesso em: 23 set. 2021).

Gilmar de Carvalho. Em outros termos, foi no gabinete que descobrimos uma de suas mais notáveis virtudes: além de ser um pesquisador de prestígio, Gilmar de Carvalho era um educador dotado do mais generoso dos dons - o de ser capaz de identificar e de motivar novas vocações, contribuindo assim para renovar o campo científico.

Nesse sentido, estamos longe de sermos as únicas trajetórias *ungidas* pelo seu estímulo; conosco estão outras dezenas de vozes, todas elas certamente gratas pelos contínuos incentivos recebidos do Gilmar. Vocações que hoje ocupam posições relevantes na vida universitária brasileira e que, à sua maneira, contribuem para manter ativo o seu legado - são seus filhos e filhas acadêmicos, alguns diretamente vinculados às suas inquietações científicas, outros, embora focados em diferentes problemáticas, se esforçam para reproduzir no cotidiano igual generosidade. Talvez, por isso, o ingresso de Gilmar de Carvalho na contabilidade das vítimas fatais da covid-19, em abril de 2021, tenha provocado tamanha comoção em nossas redes sociais. Ali, declarações de afeto e doces memórias se multiplicaram em postagens tocantes. Foi o nosso consolo e a despedida possível num período em que os próprios ritos funerários estavam interditados; além disso, foi a nossa forma de homenageá-lo e de não permitir que sua morte ficasse invisibilizada, em virtude das restrições sanitárias que nos impunham o distanciamento social.

Possivelmente, a melhor e mais justa homenagem ao legado de Gilmar e à sua memória teria sido pedir licença aos colegas para partilhar aqui todas as postagens e assim compor um texto coletivo com imagens e testemunhos. Apenas esse mosaico afetivo, acreditamos, poderia refletir a intensidade da sua presença em nossas vidas. Impossibilitados pela volatilidade das comunicações online que, em sua fugacidade, nos impede de recolher todos os registros numa escrita comum, investimos nesta homenagem a seis mãos, cientes das limitações, mas igualmente comprometidos com a honestidade desta tarefa. Se nessas linhas, não vislumbramos na íntegra a magnitude do professor Gilmar de Carvalho (e nem poderíamos apreendê-la, claro!), certamente oferecemos ao leitor vias generosas para acessar outras facetas do notável pesquisador cearense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário de dor, de perdas, de desigualdades sociais esgarçadas e de instabilidade política que transformou a vida no Brasil durante a pandemia, a memória é um lugar seguro para se estar. E o ato de lembrar os tempos de convivência com o querido mestre Gilmar de Carvalho torna-se um alento, um respiro de esperança que nos faz manter a firmeza para seguir acreditando na educação como plataforma de transformação social.

Rever as lembranças não é uma ação inocente. Mas nem sempre o passado é um fantasma que assusta; o regozijo com as memórias pode não estar na nostalgia de ontem, mas na afirmação do hoje, com a percepção ou mesmo constatação de que a trajetória de vida foi conduzida de forma coerente rumo aos objetivos anteriormente traçados. Em nosso caso, podemos afirmar que os propósitos elaborados lá no tempo da graduação, quando o jornalismo se avizinhava como profissão primeira e a docência era um labor secundário, foram alcançados.

A docência como realidade de trabalho e a pesquisa como ocupação passional que hoje partilhamos foram plantadas lá no ontem, por meio da subversão do tecnicismo que sempre ronda a formação para o trabalho. E o encontro com Gilmar de Carvalho foi a força-motriz para nosso caminhar, para o aprimoramento do saber-ser trabalhadores, saber-ser profissionais. E com esse ensaio, construído a partir de referências teóricas diversas das áreas com as quais trabalhamos, queremos não só exaltar a importância do mestre que nos formou, mas também fazer uma defesa do humanismo, dos encontros, dos diálogos que a vida acadêmica pode proporcionar.

Em tempos de algoritmos e de inteligências artificiais, o elogio do humano não deve ser visto como exagero ou *démodé*. Enquanto a racionalidade técnica e a racionalidade neoliberal se aliam na construção de um mundo individual e excludente, cabe à razão humanista, tendo a comunicação como cúmplice, semear o coletivo, o social, a inclusão. Tarefa nada fácil e que demandou o investimento de uma vida inteira de muitos intelectuais e educadores, a exemplo de Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Gilmar de Carvalho.

E a nós cabe continuar essa empreitada, em nossas diferentes áreas de atuação, eternizando não só as memórias de um professor, mas honrando um projeto educacional de um humanista, de um ser humano justo acima de tudo.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia**, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 277-284, 1993.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo deletabilis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 2. ed. Lisboa: Veja, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1999.
- LEBOW, Alisa. **Cinema of me: the self and subjectivity in first person documentary**. Nova York: Columbia University, Wallflower Press, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paulo Perim. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.
- PINHEIRO, Amálio; SALLES, Cecília Almeida (org.). **Jornalismo expandido: práticas, sujeitos e relatos entrelaçados**. São Paulo: Intermeios, 2016.
- SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010. p. 47-87.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez de. O ensino como trabalho - o professor como trabalhador. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 339-351, jan./jun. 2003.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2. ed. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Naiana Rodrigues da Silva

Doutora na linha de pesquisa Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação do Programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8588215557191487>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1966-3616>

E-mail: naianarodrigues@ufc.br

Laecio Ricardo de Aquino Rodrigues

Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Doutor em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Bacharelado em Cinema da Universidade Federal de Pernambuco.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5156341296312754>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4539-646X>

E-mail: laecioricardo@gmail.com

Joubert de Albuquerque Arrais

Professor Adjunto do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte, atuando no Bacharelado em Jornalismo e na Licenciatura em Música, ambos da Universidade Federal do Cariri. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9394488520548520>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1072-1357>

E-mail: joubert.arrais@ufca.edu.br

COMO CITAR ESTE TEXTO

SILVA, Naiana Rodrigues da; RODRIGUES, Laecio Ricardo de Aquino; ARRAIS, Joubert de Albuquerque. Ao mestre, com carinho: memórias de uma práxis pedagógica plural. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 13, p. 1-22, 2022. DOI: 10.36517/psg.v13i0.72166.

RECEBIDO EM: 30/09/2021

ACEITO EM: 15/10/2022

PUBLICADO EM: 28/12/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional
